

## QUILOMBO DE JACAREQUARA: RECRIANDO SUA HISTÓRIA

Antonio Carlos VASCONCELOS (UFPA)<sup>1</sup>

Sandra Maria JOB<sup>2</sup>

**Resumo:** O Estado do Pará abriga um grande número de quilombos. Por inúmeros motivos, como, por exemplo, localização de difícil acesso, desconhecimento da existência dos mesmos, muitos desses quilombos ainda não foram ouvidos não na dimensão que eles merecem. Neste contexto, um dos objetivos primordiais deste trabalho é resgatar a história do quilombo de Jacarequara (re)contando história de mulheres quilombolas é dar voz, rosto, uma história e visibilidade às mulheres quilombolas e ou remanescentes dos mesmos, através da voz e imagens dos sujeitos femininos. O resultado desta pesquisa tem como intuito apresentar o quilombo de Jacarequara, localizado nas proximidades do município de Santa Luzia do Pará-PA. E, além disso, através de algumas narrativas orais introdutórias traçar a história acerca do quilombo de Jacarequara para em um primeiro momento, ouvir sua história a partir do sujeito que a tem construído e, em um segundo momento, dar visibilidade e voz a esta história – seja para que essa visibilidade e voz se façam (re)conhecidas, seja para que a(s) sua(s) história(s) se torne(m) História.

**Palavras-chave:** Quilombo. Jacarequara. Mulheres. Visibilidade.

No Brasil, durante os séculos em que perdurou a escravidão, várias foram as manifestações contrárias a ela. Para estudiosos como Chalhoub (1990) e Machado (1994), por exemplo a abolição do trabalho escravo no Brasil demorou a se concretizar e só ocorreu depois de longa luta por parte dos escravos, abolicionistas e demais pessoas e grupos que defendiam o fim do cativeiro. Essa luta se traduz tanto por ações ou atos públicos, políticos quanto por atividades mais retraídas, silenciosas. Contudo, todas as formas de lutas utilizadas tanto pelo escravo, como, por exemplo, a capoeira, o aborto provocado pelas mulheres negras, assim como as lutas de grupos e/ou pessoas em prol do fim da escravidão são de uma relevância, pois cada uma delas possui uma fundamental importância no contexto social, histórico, político e também econômico do Brasil – tanto naquele momento quanto atualmente.

Muito embora todas as formas de luta ocorridas durante a escravidão mereçam olhares e leituras outras acerca delas, a esta pesquisa interessa o fruto/a consequência advinda de uma em particular: o quilombo, mais especificamente o Quilombo do Jacarequara. O intuito aqui é apresentar o Quilombo de Jacarequara, localizado nas proximidades de Santa Luzia do Pará-PA<sup>3</sup>. E, além disso, através de algumas narrativas orais introdutórias iniciar os primeiros passos para traçar a história acerca deste quilombo a partir do sujeito que a tem mantido e, em um segundo momento, dar visibilidade e voz a essa história – seja para que essa visibilidade e voz façam (re)conhecidas, seja para que a(s) sua(s) história(s) se torne(m) História.

---

<sup>1</sup> Acadêmico de Letras da Universidade Federal do Pará.

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal do Pará.

<sup>3</sup> Outrora o Quilombo de Jacarequara pertencia à localidade de Ourém.

Para tanto, o trabalho parte, portanto, de uma pesquisa de campo, principalmente, e pesquisa bibliográfica. No que se refere à pesquisa de campo, foi feita uma sondagem no local para verificar a aceitabilidade da nossa proposta e averiguar o(s) que poderia(m) contribuir com este estudo. A partir de uma primeira conversa informal com um grupo de vinte pessoas (sendo que dois eram homens), foram aproveitados os relatos de seis mulheres<sup>4</sup> e um homem. Destes selecionamos algumas que serão discutidas logo abaixo.

Uma vez estabelecido os sujeitos para a discussão que se pretende empreender aqui, antes de voltarmos para eles, cabe algumas breves considerações acerca de quilombos, em particular, pois, entre outros aspectos, sob os olhos da a-histórica sociedade do século XXI, o fim da escravidão no Brasil ocorrida em 1888 pode parecer que foi um ato generoso de uma mulher muito emotiva para com um grupo de negros que já fora por muito tempo judiado. Mas ledor engano, porque o fim da mesma foi uma consequência, ainda que tardia, gerada por vários acontecimentos políticos, sociais e econômicos que ocorreram em nível nacional e internacional e que antecederam tal data. Dentre alguns dos acontecimentos ocorridos antes de 1888 encontram-se a formação de quilombos e as fugas de escravos. O quilombo de Jacarequara-PA é um exemplo disso, muito embora ainda não seja possível precisar com exatidão a data de formação do mesmo – se antes ou depois do fim da escravidão.

É também não apenas um exemplo como uma das muitas provas da presença (grande, diga-se de passagem) dos negros na região amazônica que ainda é pensada, mais para o sul do país, principalmente como território se não exclusivo predominantemente indígena. Em relação à presença negra na região do Pará, ela advém desde a escravidão, visto que “[...] contratados pela Coroa, comerciantes enviavam seus navios para negociar escravos na costa africana e vende-los nas cidades de São Luiz (Maranhão) e Belém (Pará) [...]” (BEZERRA NETO, 2012, p.18). Ou seja, a escravidão chegou à Amazônia também. Ainda nesse sentido prova disso é que:

Durante a vigência do monopólio comercial do tráfico pela Companhia Geral, entre os anos de 1756-1778, foi introduzido na Amazônia portuguesa um número de escravos possivelmente superior aos 28.852 africanos desembarcados nos portos de São Luiz e Belém pelos navios da companhia. Destes, 16.582 escravos negros foram enviados para o Grão-Pará [...] ainda que cerca de um terço do total de africanos ingressos no porto da capital paraense fossem vendidos para Goiás e Mato Grosso, tornando-se Belém não somente um centro receptor de trabalhadores escravos negros, mas também polo de redistribuição na região amazônica e capitânicas limítrofes. (BEZERRA NETO, 2012, p.55).

Dos idos 1700 e dos anos iniciais nos quais se formou este ou aquele quilombo, muito da história do como os mesmo se formaram se tem perdido, seja porque à lembrança se tornam, com o tempo, tênues, fugazes; seja porque o medo que aqueles primeiros a iniciarem a formação dos

---

<sup>4</sup> De acordo com a Secretaria Municipal de Saúde de Santa Luzia do Pará, moram 77 famílias no local. Ainda de acordo com a secretaria, existem lá 37 crianças de 0 a 5 anos; 69 mulheres de 15 a 60 anos; 81 homens de 15 a 60 anos; 09 mulheres com idade maior ou igual a 60 anos; 08 homens com idade maior ou igual a 60 anos.

quilombos carregavam foi herdado e o silêncio em torno dos como e dos porquês se perpetuou. Deles, em particular o de Jacarequara, restam hoje os/as remanescentes e as ideias tão remanescentes quanto eles/as. Entretanto, sempre é possível encontrar, até mesmo nos vazios, dizeres que nunca foram ditos e transforma-los em saber. Saberes que nem mesmo produtor dos vazios sabia serem eles tão relevantes. E é por isso que nos propusemos a trilhar esse caminho. E uma vez nele, buscamos nas conhecidas guardiãs das memórias, as mulheres, o que restam destas lembranças. Em se tratando delas (mulheres), escolhemos como sujeitos da nossa pesquisa para este primeiro momento as senhoras Antonia Alexandrina<sup>5</sup> (73 anos, aposentada), Bonifácia Nonata Nogueira (79 anos, aposentada) e Maria Pereira Barros (73 anos, aposentada).

Guiados pelas memórias, pela voz das mesmas (ainda que fragmentadas e parciais), começamos a refazer, portanto, o caminho do passado, buscando extrair daqui e dali o possível início do Quilombo de Jacarequara. Neste contexto, de acordo com as memórias de Antonia Alexandrina:

Bem, o que eu sei é uma, eu conheci uma velha, **chamam pra ela Chica Gama**. Ela era da escravatura. Quando o dia que foi liberado a escravatura dos negro ela se casou-se. E **ela contava** que a escravatura era ruim. Ela era nafabeta. Ela não sabia ler, ela não, ela não sabia nada. Ela foi escrava, e ela era mandada pelo senhor dela, ela carregava os senhor pra banhar, enxugar, vestir a roupa e naquela luta ela viveu. Ela contava que lá na escravatura, passava ruim, os escravo era vendido dum para o outro. Aquele escravo que fosse bem mandado passava bem. O que fosse, que achasse ruim, né?, o trabalho passava ruim, apanhava de chicote e assim ia indo a vida deles. **Ela, ela consegui chegar aqui porque eu, eu não sei cumo foi**, porque aquele velho Amadeus de Ourém, o pai dele era senhor, né? Esse pai do daqui do João Nogueira, do finado Jacinto, ele o pai dele era escravo do velho Amadeus. O velho Amadeus quando viu a finada Hermância, ele perguntou: “Hermância de quem tu é?” Ela disse: “eu sou filha do Ogênio Nogueira”. Ele disse “ah, eu conheci muito o Ogênio Nogueira, foi meu escravo. Ele era meu cavalo. Ele me carregava pro porto pra banhar, me inchugava, vestia minha roupa, ele que me carregava de lá pra cá”. Aí foi que nós fumo saber que o finado Ogênio Nogueira pai deles era escravo desse velho. **Agora como eles foram libertados, eu não sei, da onde eles vieram os escravos, se era mesmo daqui do Brasil ou de outro canto, sei que eles chegaram pra cá, né?. Aí nesse tempo a lei da escravatura quando eles foram libertados, eles, eles correram. Eu acho que eles não moravam nem aqui, porque eles correram pra cá. E aí foram casando e se escondendo. Justamente como aqui, aqui o Jacarequra, isso aqui foi fundado pelo escravo, agora não sei lhe dizer se era um homem ou uma mulher que era o escravo, né?. Sei que afundaram esse lugar**. Esse lugar, **a mode que eu escuto**, aqui era tudo mata virgem. Aí eles andavam se escondendo andavam agarrando diz que gente pra levar de novo. Aí eles andavam se escondendo, subindo de rio acima, aqui a colá, eles faziam um barracuzinho no meio da mata pra se coloca, e daí já iam gerando, fazendo geração das famílias, né?. E quando essa velha contava que quando souberam, viam assim uma conversa assim no caminho, se estivesse torrando a farinha, deixava a farinha queimar com medo de serem agarrados de novo, né? **Porque eu acho que eles fugiram da escravidão**, aí eles entravam, essa velha entrou... que o forno era furado assim...fizeram assim um munturo de terra pra colocar o fundo do forno em cima, aí fizeram um fogo ao redor e quando foi na hora que escutaram a conversa pro caminho, ela correu e os outros correram pro mato. Ela largou a farinha e entrou

---

<sup>5</sup> Os traços físicos do rosto dessa senhora denotam sua ascendência indígena. De acordo com Bezerra Neto (2012), em um certo período dos anos de 1700, houve fugas de índios “domiciliados em vilas sob o regime do ‘Directório’, com a formação de mocambos compostos por índios, quando não se aquilombavam com cativos africanos igualmente fugidos” (p.51). Isso pode explicar a presença dessa senhora cujos traços denotam uma grande ascendência indígena diferentemente das outras duas entrevistadas aqui.

pra dentro do forno, pra debaixo do forno, aí se escondeu atrás daquele munturo de terra, eu acho que ali não esquentava, porque se esquentasse, ela tinha morrido. Aí depois que chegaram lá ulharam...aqui tinha gente turrando farinha, tinha mais já curreram. Eles agarravam os filhos pra não fazer barulho, amarravam a boca das crianças, quando não metiam folhas pra criança não gritar. Aí diziam que não tavam lá pronto, dali já iam embora. Aí eles saiam de lá, ela saiu e não foi queimada. (grifos nossos)

Seja porque ‘conhece’ a história a partir de terceiros, de ouvir falar que..., o relato de Antonia é entrecortado de vazios, de silêncios, de confusões, por vezes. Nesses aspectos, por exemplo, muito embora tenham lhe contado, ela sabe dizer com clareza que a “escravatura era ruim”, que “na escravatura, passavam ruim, os escravos eram vendidos dum para o outro. Aquele escravo que fosse bem mandado passava bem. O que fosse, que achasse ruim, o trabalho, passava ruim, apanhava de chicote e assim ia indo a vivência deles”, ou seja, soube reproduzir com fidelidade a voz corrente, qual seja, que no período da escravidão os negros mais ‘rebeldes’ apanhavam, que a escravidão não era algo bom. E por isso, muito possivelmente muitas dessas revelações, não vieram da Chica Gama, mas do contexto social, familiar do que está inserido o sujeito da pesquisa. Pois quando se fala especificamente da formação do quilombo do Jacarequara, a memória já falha. Por quê? Muito provavelmente havia certo silêncio neste sentido por medo ou pela necessidade de esquecer a luta pra chegar e se sentir ali. Conjecturas. Mas como explicar o fato de alguém lhe fazer revelações de toda uma árdua vida e vivenciada, como parece ter sido o caso de Chica Gama em relação à Antonia e não lhe contar exatamente como chegou até ali e ali se fixou? Soa como algo incoerente esse não saber de algo tão relevante – pelo menos aos olhos da atualidade.

Mas pelo pouco que ela (entrevistada) deixa entrever, as pessoas a quem se refere eram escravos libertos, pois de acordo com a lei “a lei da escravatura quando eles fórum liberados eles, eles curreram. Eu acho que eles não moravam nem aqui, porque eles correram pra cá”.

Pode-se depreender dessa fala que com o fim da escravatura, ex-escravos deixavam seus ex-donos e buscavam um lugar pra morar. Lugar este que, segundo ela, “esse lugar a mode que eu escuto, aqui era tudo mata virgem”. E nele esses, ex-escravos, “andavam se escondendo”, pois “andavam agarrando gente diz pra levar de novo. Aí eles andavam se escondendo, subindo de rio acima, aqui, acolá, eles faziam um barracuzinho no meio da mata pra se coloca e dali já iam gerando, fazendo geração das famílias, né?”. “Agarrando gente pra levar de novo”, no caso ela pode está se referindo à apreensão<sup>6</sup> de ex-escravos dos quilombos e a consequente devolução para seus ex-donos, partido do pressuposto de que a abolição já houvesse ocorrido. Por outro lado, esse

---

<sup>6</sup> Informações oficiais sobre fugas de escravos, de quilombos da região de Ourém podem ser encontradas em: CASTRO, Edna (Org.). **Escravos e Senhores de Bragança**: documentos históricos do século XIX, região, Pará. Belém: NAEA, 2006 – Capítulo 7.

“agarra gente” também pode se referir às buscas aos negros que atacavam as vilas para roubar<sup>7</sup>. Por causa dessa ‘caçada’ aos escravos, (eles) escravos então se escondiam aqui e ali até encontrar um local no meio da mata onde faziam então seus barracos e ali começavam a construir família. Ou seja, aparentemente o local escolhido por acaso, conforme seguiam em fuga.

Ainda sobre a formação do Quilombo do Jacarequara, nas memórias e voz de Bonifácia Nonata Nogueira:

Minha vó conta que quando passou à escravidão, eles andavam se escondendo, mais eu não arcansei mais isso graças a Deus. Mais meus avós passaram correndo aí pelos garapés, se esconderam com seus filhos, sabe como é, passavam semana com medo do pega-pega<sup>8</sup>. Não, naquele tempo, esse pega-pega era pra pegar nós, as mulher, os homem e levavam tudo diz que pra prender, aí andavam correndo[...]

Deduz-se que, portanto, que no caso dos avós de Bonifácia, era uma família (pai, mãe e filhos) que fugiam juntos e passaram ali pela localidade. Muito provavelmente devido à facilidade de arrumar comida por ali (caça, peixe, por exemplo) e pela proteção que a mata proporcionava, ali fixavam moradia. Note que a avó de Bonifácia, também já era livre, pois a avó contava “que quando passou a escravidão”. Contudo, eles, (negros) “andavam se escondendo [...],se esconderam com seus filhos [...]”. Ora, se estavam libertos, por que se escondiam? Não acreditavam no fim da escravidão ou mesmo com o fim da escravidão não eram tratados pessoas livres, daí a necessidade de irem à busca da liberdade? Ou estavam em fuga por terem praticado algum roubo nas vilas? Vale lembrar que tais roubos eram comuns, visto que com o fim da escravidão muito ex-escravos abandonaram seus antigos donos e o Estado, por sua vez, os abandonou também, pois como já é sabido, não apresentou políticas públicas para obrigá-los, não lhe dando outra possibilidade de sobrevivência que não fosse o roubo.

No caso específico dos antepassados dessa entrevista, difícil responder com certeza se a situação do roubo se aplica a eles. Contudo, de maneira geral, muitos escravos libertos, sem condições de arrumar emprego remunerado, principalmente os homens, muitos começaram a praticar pequenos roubos. Procurados pela polícia, muitos procuravam abrigo nas matas e, conseqüentemente, chegavam até os quilombos – isso não eram os próprios quilombolas a praticarem roubos e/ou atos contra pessoas nas vilas próximas aos quilombos, segundo constam nos documentos oficiais traduzidos por Edna Castro (2006).

Quanto às lembranças de Maria Pereira Barros (73 anos),

---

<sup>7</sup> Mais informações sobre esse assunto ver CASTRO, Edna (Org.). **Escravos e Senhores de Bragança**: documentos históricos do século XIX, região bragantina, Pará. Belém: NAEA, 2006.

<sup>8</sup> Pega-Pega é a expressão que os sujeitos da pesquisa usam para se refletir à ‘caçada’ aos escravos fugidos.

Quando eles estavam, era tipo uma união, não tinha (escravos), era escravo porque já foi, já tinha sido escravo dos velhos já que veio de lá sabe. **Daqui da porte da mamãe, né? Não vou dizer que não tiveram porque eu não sei, né?**, Mas já do papai, já disseram que era família dos Enrique Barros, já dos avós dele, já vieram correndo de lá, já vieram pra cá e aqui acharam esse quadrão aí já se plantaram. Os primeiros que chegaram aqui vieram fugidos. Aqui era uma mata. Eu ainda me lembro que daqui até Quarenta e Sete (atual município de Santa Luzia do Pará) era só uma mata. Não tinha uma pessoa. Era só mata e jabuti e paca, onça, catitu, afinal tudo. Vi muita caça, benza a Deus! (parênteses nossos).

As memórias de Maria Pereira parte da convivência que havia entre os moradores do Quilombo de Jacarequera. Segundo ela, nele não havia escravo, isto é, um dono que mandava nos demais. Se alguém ali podia ser chamado de ‘escravo’ é porque já fora um dia, visto que “veio de lá sabe”, isto é fugido de outra região, mas não vivia como tal.

Afora essa união da qual ela tem certeza, ela não pode afirmar, pois não sabe se os antepassados da mãe foram escravos, mas sabe com certeza que o pai “era família dos Enrique Barros, já dos avós dele, já vieram correndo de lá, já vieram pra cá e aqui acharam esse quadrão aí já se plantaram. Os primeiros que chegaram aqui vieram fugidos”. Os avós do pai “vieram correndo”, ou seja, estavam fugindo (não esclareceu se da escravidão ou da polícia, ou de ambos). De qualquer maneira justifica que todos que ali chegaram, chegaram, chegaram na mesma situação: fugidos.

Aparentemente então, a localidade propícia contribuiu para que todos os que estavam fugindo (seja da polícia, seja da escravidão – ainda que a mesma já tivesse acabado) acabassem por fixar um barraco ali – ali onde hoje é denominado de Comunidade Remanescente de Quilombos de Jacarequera<sup>9</sup>.

Se por um lado, aparentemente, a formação do Quilombo do Jacarequera aconteceu devido à localidade – ou seja, por mero acaso,- o nome do local, não, pois salvo a mudança desta ou daquela palavra, a ideia geral é a de que o nome foi dado, pois “Jacarequera, era quando o povo chegava aqui, é justamente as pessoas iam lá e diziam: iche mais tem jacaré! Tinha jacaré que só você vendo! Jacaré tibungo, tibungo. Olha lá, jacaré quarando! Eles ficavam quarando lá nas pedras”. E,

---

<sup>9</sup> A comunidade foi reconhecida como remanescente quilombola em 13 de maio de 2008, pela então governadora do estado, a senhora Ana Júlia Carepa, e pelo Instituto de Terras do Pará-ITERPA, conforme consta no Título de Reconhecimento de Domínio Coletivo, registrado no Registro de Imóveis Cartório Único de Ourém em 06 de junho de 2008. Em 07 de dezembro de 2010, foi criado o Território estadual Quilombola – TEQ Jacarequera, localizado no município de Santa Luzia do Pará conforme portaria nº 02859, publicado no Diário Oficial nº 31808 de 10 12 2010. Em 14 de novembro de 2006, Fundação Cultura Palmares, através da Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-brasileiro emite CERTIDÃO DE ALTO RECONHECIMENTO no qual certifica que a “Comunidade de Jacarequera, localizada no Município de Santa Luzia do Pará, Estado do Pará, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 08 Registro nº 792, fl.04, nos Termos do Decreto Supramencionado e da Portaria Interna da FCP nº 06 de 01 de março de 2004, publica no Diário Oficial da União nº 43, de 04 de março de 2004, seção 01, fl.07, **É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS**”.

naquele momento de fuga, os jacarés podem ter representado comida fácil e, por isso, ter sido um dos atrativos para a permanência deles na região.

De certezas absolutas, hoje, tem-se que os moradores entrevistados, em particular, são remanescentes de comunidades quilombolas e que seus antepassados chegaram ali por mero acaso. Ou melhor dizendo, chegaram ali buscando a proteção que o Estado não lhes dava, a comida que a sociedade e o governo lhes negavam, a dignidade que o Brasil lhes estava roubando. Chegaram ali, porque entre outras coisas, faziam parte daquele grupo que ousaram dizer não ao regime escravocrata, à opressão, à exploração física e muitas vezes à exploração de ordem sexual em se tratando das mulheres. Neste contexto, pode-se concluir, portanto, que o quilombo onde muitos jacarés ficavam quarando sob o sol foi formado por negros/as livres, o que não implica dizer que foi *somente* por ex-escravos, que fugiam do “pega-pega”, da prisão – escrava e/ou da cadeia - , que por um acaso trilhado rio acima chegavam ali. Da mesma forma que o acaso nos levou até lá. Lá onde jacarés não quaram mais, apenas memórias esparsas, vagas que flutuam sob sons de *rap*, *melody* e outros ritmos musicais paraenses e que esta pesquisa vai procurar colher em meio a tudo: silêncio, ausências...

## Referências

BEZERRA NETO, José Maria. **Escravidão Negra no Grão Pará (séculos XVII-XIX)**. 2<sup>a</sup>. ed. Belém: Ed. Paca-Tatu, 2012.

CASTRO, Edna (Oeg.). **Escravos e Senhores de Bragança**: documentos históricos do século XIX, região bragantina, Pará. Belém: NAEA, 2006.

CHALHOUB, Sidney. **Visões de Liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MACHADO, Maria Helena Toledo de. **O Plano e o Pânico**: os movimentos sociais da abolição. São Paulo: EDUSP, 1994.

